

Entre Freud e Merleau-Ponty: os estudos iniciais da memória e o lugar da linguagem

Between Freud and Merleau-Ponty: initial studies of memory and the place of language

José César Coimbra

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

RESUMO:

Este trabalho tem por objetivo analisar os marcos iniciais dos estudos psicológicos sobre a memória, apresentando suas bifurcações, as quais poderíamos designar como relativas ao ‘laboratório’ e à ‘clínica’. Para tanto, são apresentados alguns autores relevantes desse campo no século XIX, buscando articulação com os escritos de Freud do mesmo período. A diretriz adotada é a crítica de Merleau-Ponty feita ao mecanicismo em ‘A Estrutura do Comportamento’. Observa-se, ao final, a importância desse tema nos textos de Freud dessa fase, em particular quanto ao que é postulado nesse momento como aparelho de linguagem.

Palavras-chave: memória; linguagem; psicanálise

ABSTRACT:

This study aims to analyze the initial landmarks of psychological studies on memory, presenting their bifurcations, which we designate as related to the 'laboratory' and 'clinical'. To this end, we present some relevant authors in this field in the nineteenth century, seeking connection with Freud's writings of that period. The policy adopted is the critique of Merleau-Ponty made to mechanism in ‘The Structure of Behavior’. There is, ultimately, the importance of this theme in the texts of this phase of Freud, in particular as to what is postulated that time as a language apparatus.

Key-words: memory; language; psychoanalysis

Para que haja percepção [...] é absolutamente necessário que o objeto não se ofereça inteiramente ao olhar que nele pousa.

Merleau-Ponty

Este artigo analisa os marcos iniciais dos estudos psicológicos sobre a memória, com ênfase no que reconhece serem seus dois campos de atualização: o ‘laboratório’ e a ‘clínica’. Isto é, um ramo que se desenvolveu no âmbito dos experimentos científicos e

outro que teve na lida com os fenômenos clínicos sua base. Para tanto, seguimos o desenvolvimento dessas duas linhas no século XIX, em particular no que tange ao estudo das afasias e no diálogo com textos freudianos do mesmo período. Ou seja, são colocados em destaque alguns trabalhos de Freud até 1891, quando, com as ‘Afásias’, expressa-se de modo mais acabado o seu distanciamento das questões estritamente neurológicas. De modo resumido, pode-se entender que afasia é um distúrbio na expressão e/ou compreensão da linguagem.

A análise realizada neste trabalho tem por base a crítica de Merleau-Ponty feita ao mecanicismo em ‘A Estrutura do Comportamento’, livro publicado em 1942. Nesse livro o autor realiza estudo do comportamento pautado nas noções de forma e significado, imprimindo uma crítica a Pavlov. Essa crítica visa ao comportamento reflexo como base de entendimento para o comportamento em geral. Isto é, Merleau-Ponty critica o modelo explicativo de Pavlov para o comportamento, o qual se pauta em relações lineares e pontuais entre o organismo e o meio.

Entenda-se comportamento justamente como um conjunto de ações e reações entre um organismo e o meio no qual se insere. Comportamento reflexo, por sua vez, caracteriza-se igualmente pela relação entre organismo e meio. Nessa relação, contudo, é um estímulo determinado que produz uma resposta específica.

A percepção tem papel de destaque no pensamento de Merleau-Ponty e seus trabalhos dialogaram de maneira estreita com o discurso científico, em particular com a Psicologia. Merleau-Ponty enfatizava que a percepção não seria fruto de sensações isoladas, mas, antes, seria dotada de uma dimensão ativa. A linguagem também tem destaque em suas análises, as quais investigaram sua manifestação em domínios distintos, como os das patologias e da literatura.

É na perspectiva de um posicionamento contrário à importância da dimensão elementarista e da causalidade linear, exemplificado ao extremo com os experimentos de Pavlov, bem como da importância da linguagem, que Merleau-Ponty critica o mecanicismo. Esclarecemos que o mecanicismo “admite que uma classe de fatos [...] é suscetível de ser ligada a um sistema de determinações ‘mecânicas’, em qualquer dos sentidos desta palavra” (LALANDE, 1993: 656).

Destaque-se que o campo psi na segunda metade do século XIX buscava constituir-se como discurso científico. Nesse movimento de constituição, esse campo encontrava-se no meio das discussões relativas ao estatuto e ao método que o

caracterizaria. Essas discussões, ligadas sobretudo ao elementarismo e ao localizacionismo, evidenciam as críticas levantadas por Merleau-Ponty indicadas acima.

Nesse sentido, realizamos um percurso acompanhando uma síntese dos embates relativos às localizações cerebrais e ao funcionamento das afasias. Esses embates traduzem-se em campos distintos de investigação científica nos quais as questões relativas à linguagem, ao elementarismo e ao mecanicismo colocam-se em evidência.

Assim como Merleau-Ponty (2006) critica as teorias elementaristas/localizacionistas do estudo do comportamento, Freud (1891/1987) também o faz. Merleau-Ponty (2006) critica a reflexologia de Pavlov para paulatinamente destacar a função do valor e do significado associados ao comportamento, enfatizando sua dimensão simbólica. O que também podemos acompanhar no percurso de constituição da psicanálise.

Os modos de organização do comportamento e a memória em Merleau-Ponty

Merleau-Ponty (2006) define três modos de organização do comportamento: as formas sincréticas, amovíveis e simbólicas. Se as primeiras estariam associadas mais diretamente ao instinto e ao reflexo, presentes em animais invertebrados, os quais teriam comportamentos menos complexos, as seguintes teriam outras características. Nas formas amovíveis, consegue-se ultrapassar as demandas do ambiente natural, utilizando-se de iniciativas estratégicas, não sendo preponderante os recursos instintivos da espécie: “é nesse nível que as estruturas espaciais e temporais começam a se estabelecer, sendo a categoria ‘espaço’ mais forte [...] que a categoria tempo” (SANT’ANA, 2010: 27).

Embora as formas amovíveis revelem o papel do sinal, nelas ainda não se poderia pressupor a possibilidade de produção de sentido: “No comportamento animal os signos permanecem sempre sinais e nunca se tornam símbolos” (MERLEAU-PONTY, 2006: 189). Isso será encontrado nas formas simbólicas, nas quais o tempo passa a ter um papel de destaque. O apelo ao sinal sugere uma via passiva de apreensão da realidade, que será diferente com o uso de símbolos. Nota-se então que tempo e sentido (ou significado) encontram possibilidade de expressão efetiva exclusivamente aqui: “As formas simbólicas não só atribuem significados aos objetos percebidos, mas ainda têm a capacidade de estabelecer relações, as quais estruturam o comportamento” (SANT’ANA, 2010: 28). O valor do tempo advém da quebra que instaura entre presente e passado (ou entre estímulo e resposta), entre significados que se modificam conforme

relações estabelecidas e não definidas sob a forma de um comportamento condicionado, por exemplo. Desse modo, as formas simbólicas terão, por definição, um lugar especial na possibilidade de aprendizagem, pressupondo efetivamente condições variadas de adaptação a situações igualmente variadas (MERLEAU-PONTY, 2006).

Merleau-Ponty, ao criar um lugar para o significado em sua teoria do comportamento, associa-o ao tempo, tal como vimos acima com as formas simbólicas. Assim, assinala uma crítica ao elementarismo, que pressupõe ser o todo invariavelmente a soma das partes. Isto é, o elementarismo assume que o comportamento poderia ser explicado pela sua decomposição em unidades mais simples. Contudo, tal como as formas simbólicas indicam, o comportamento desse nível não seria explicável a partir da decomposição em unidades menores.

O lugar do significado em Merleau-Ponty também traduz, à sua maneira, a passagem do paradigma da vida para o da linguagem, no que se refere à filosofia do sujeito. Essa passagem marca a importância das noções de consciência e intencionalidade em seu pensamento, enfatizando o lugar da linguagem não apenas como meio, mas também como estruturador do comportamento e da realidade. Nesse sentido, significado e tempo refletem um grau elevado de indeterminação no comportamento frente ao que se pode pressupor do comportamento com base nas formas sincréticas e amovíveis, por exemplo.

Uma memória que se traduza por sua potência de indeterminação seria por si um objeto de investigação muito interessante. Todavia, Merleau-Ponty não analisa essa perspectiva, ao menos não explicitamente, no livro ‘A Estrutura do Comportamento’. Em todo caso, a divisão aplicada às formas descritas acima pode nos sugerir possibilidades distintas de memória para cada uma delas.

Em linhas gerais, poderia ser entendido que nas formas sincréticas a memória não teria outra função que realizar uma repetição do mesmo, ao passo que nas formas simbólicas a memória, atravessada pelo tempo, estaria aberta ao futuro e à produção de sentidos. Além disso, se mantivermos em perspectiva a afirmação de Merleau-Ponty de que “o homem não é um animal racional” (MERLEAU-PONTY, 2006: 282), notaremos a uma só vez a importância concedida às formas simbólicas bem como o esforço do autor para ultrapassar qualquer resquício de antropomorfismo, isto é, de projeção no exterior de um sentido ou intenção de nosso pensamento, em suas elaborações.

Veremos a seguir de que modo essas questões colocadas por Merleau-Ponty no

século XX permitem-nos analisar os primórdios dos estudos científicos sobre a memória no século XIX e, na mesma linha, como a história da psicologia e a da psicanálise entrecruzam-se com esses estudos.

História/s da memória

Ao nos determos no que foram as primeiras pesquisas sobre o funcionamento da memória nos deparamos de fato com os registros relativos ao surgimento da psicologia e da psicanálise. De um lado temos no século XIX uma preponderância das disciplinas ligadas à neurofisiologia tentando responder às interrogações suscitadas pelas afasias e pela histeria, tendo logo de saída produzido um campo de batalha em torno das questões relativas às localizações cerebrais (BERGSON, 1990; GARCIA-ROZA, 1991; HEIDBREder, 1969). Por outro, a psicologia científica, constituindo-se a partir de um deslizamento que significou a substituição das perguntas sobre o ser, típicas da filosofia (o que é conhecer, perceber, por exemplo), para aquelas relativas à descrição de um fenômeno (como se conhece, percebe, por exemplo). Diferentemente desse esquema, deve ser mencionado, como aponta Sant'Ana (2010), que o pensamento de Merleau-Ponty prima pela imbricação entre percepção, corpo e significado. Nessa linha, ressalta-se a importância de se buscar em 'A Estrutura do Comportamento' o reconhecimento da percepção como um problema filosófico.

É desse modo que nos voltamos para o que foi o primeiro estudo científico da memória, realizado por Ebbinghaus, que através do experimento de memorização de sílabas sem sentido, observou uma relação diretamente proporcional entre tempo e aprendizagem. Ainda que havendo exceções a essa regra, detectadas por ele mesmo, o que gostaríamos de sublinhar é a ligação entre memória e aprendizagem que marca o início das investigações psicológicas desse tema.

O que poderíamos ver nessa primeira iniciativa é exatamente a preocupação de otimizar a investigação da retenção de informações, na mesma medida em que o sujeito do experimento deveria estar isento de saberes prévios que viessem a interferir na averiguação, daí as sílabas sem sentido. A preocupação seria uma só: como proceder para extrair um dado do fio do tempo para cristalizá-lo num hábito. Ou melhor, o esforço é o de verificar a eficácia dessa tentativa, a de poder reproduzir da melhor maneira possível o que em dado momento apresentou-se à percepção. Sobre esse aspecto, vale reiterar que Merleau-Ponty definirá a aprendizagem de forma diversa ao experimento que acabamos de descrever. Para esse autor, "Aprender, nunca é, pois,

tornar-se capaz de repetir o mesmo gesto, mas de fornecer à situação uma resposta adaptada por diferentes meios” (MERLEAU-PONTY, 2006: 151).

Embora os experimentos de Ebbinghaus ponham em relevo a preocupação quanto à mensuração de um estado psicológico, ele mesmo reconhecia que, assumindo tal posição, não fazia mais do que abordar uma determinada face, muito limitada, da memória: “A fim de verificar praticamente, embora apenas num campo limitado, uma forma de penetrar mais profundamente nos processos da memória (...) cheguei ao (...) método [de aprendizagem de sílabas sem sentido]” (EBBINGHAUS, 1885/1971: 642).

Ao longo de seu texto “A Aprendizagem de Sílabas Sem Sentido”, além de apresentar seu método, Ebbinghaus colocava-se questões acerca da natureza da memória para as quais apontava a insuficiência dos saberes da época, como se não ultrapassassem um limiar de estudo apenas descritivo. Ele escreveu: “(...) se nossa curiosidade nos leva para diante e desejamos informações mais específicas e minuciosas quanto a essas dependências e interdependências [da memória] (...) se fazemos perguntas, por assim dizer, quanto à sua estrutura interna - nossa resposta é silêncio” (EBBINGHAUS, 1885/1971: 640).

As considerações tecidas até aqui acerca do experimento de Ebbinghaus nos são de valia na medida em que nos colocam diante do que se forjava naquele momento como método para a psicologia e consequentemente nos revelam muito do que era também o seu objeto de pesquisa.

Talvez seja necessário nos aproximarmos um pouco mais do contexto em que esses estudos sobre a memória foram realizados, lembrando, como assinalamos, que praticamente no mesmo período a problemática das afasias e da histeria levantavam questões cruciais acerca desse tema. De saída é interessante notar que o discurso da psicologia da época é pautado em um modelo experimental que passa ao largo da clínica e de suas questões. É no espaço do laboratório que vamos encontrar inicialmente no século XIX toda a discussão acerca do estatuto da ciência e da oposição desta com a metafísica.

Por seu turno, quando Merleau-Ponty lança mão dos conceitos de forma e significado tem por objetivo distanciar-se do mecanicismo (o que seria equivalente ao entendimento sobre certa prática científica) e da metafísica, a qual teria Bergson como ícone. Desse modo, Merleau-Ponty reivindica a possibilidade de ter no comportamento,

e na percepção em particular, o reconhecimento de um objeto filosófico, contudo não associado à metafísica. Esse posicionamento aparenta ocorrer sob a valorização de uma imanência da linguagem, a qual somente subsiste em uma relação entre signos, conforme a citação a seguir: “[...] o signo verdadeiro representa o significado, não segundo uma associação empírica, mas enquanto sua relação com os outros signos é igual à relação do objeto significado por ele com os outros objetos” (MERLEAU-PONTY, 2006: 191). E também: “[...] o comportamento não é uma coisa, mas também não é uma idéia, não é o invólucro de uma pura consciência e, como testemunha de um comportamento, não sou uma pura consciência. É justamente o que pretendíamos ao dizer que ele é uma forma” (MERLEAU-PONTY, 2006: 199).

Em que medida notamos a presença das questões apresentadas por Merleau-Ponty nos estudos iniciais sobre o funcionamento da memória? Dos experimentos com sílabas sem sentido, e do elementarismo que eles encarnam, às questões suscitadas pelas afasias, é o lugar da linguagem que adquire destaque no século XIX.

O laboratório e os experimentos psicológicos

O estabelecimento do primeiro laboratório de psicologia por Wundt em Leipzig, 1879, ainda que não tenha necessariamente significado o início da psicologia experimental (FERREIRA, 2006; HEIDBREder, 1969), vem dar provas de que a psicologia teria se tornado científica, moldando para si um objeto de estudo que a princípio teria ficado disperso por entre disciplinas como a anatomia e a fisiologia.

Nesse sentido, Wundt define a psicologia como o estudo da experiência imediata, realizado através do duplo processo da introspecção e da experimentação. Esse duplo processo tem o objetivo de treinar a percepção para que ela desvencilhe-se de uma série de informações secundárias na descrição de um objeto (luminosidade, cor, hábitos em geral, p. ex.). Assim, a experiência mediata, cara às ciências naturais cujo modelo é a física, procederia como que por exclusão do fator subjetivo; ao passo que a psicologia, fazendo apelo à experiência imediata, não se serviria de tal abstração.

Embora a psicologia experimental esteja apoiada sobre a fisiologia e a anatomia desde os seus primórdios, apoio que em última instância encontra sua razão de ser na possibilidade de efetuar uma “teoria do conhecimento” esvaziada de pressupostos filosóficos e em prol do método experimental, vamos encontrar no próprio Wundt uma cisão quando fala dos processos mentais superiores (criação artística, p. ex.). Para esses processos seria preciso recorrer a um estudo dos “produtos sociais”, através de uma

investigação histórica.

É com Weber e Fechner – este, segundo muitos, o pai da psicologia experimental – que podemos detectar de maneira cristalina a preocupação de estabelecer um modo de correlacionar a atividade psíquica com o estímulo físico (HEIDBREder, 1969; HERRNSTEIN; BORING, 1971). Ao contrário do que se percebe na obra de Wundt – uma dicotomia entre a perspectiva experimental e histórica –, com Fechner o intuito é o de maximizar o alcance que a noção de psicofísica poderia ter no universo científico. Apesar de encontrarmos também nele uma dicotomia nos objetos de estudo (corpo e espírito), ao contrário de Wundt, isso não teria redundado numa dicotomia do método (HEIDBREder, 1969).

A preocupação quanto à mensuração liga de modo indissociável Fechner a Ebbinghaus, autor com o qual nos deparamos há pouco. Nesse contexto poderíamos reconhecer entre ambos os ideais cientificistas vigentes no século XIX, cujo paradigma encontrava-se nitidamente ligado às problemáticas de quantificação e matematização dos experimentos. É o que podemos notar nessa observação de Fechner:

(...) assim como na física e na astronomia, também na mensuração psíquica podemos inicialmente deixar de lado as irregularidades e os pequenos afastamentos com relação à ordem, a fim de descobrir e examinar as relações de princípio com que a ciência deve lidar. No entanto, não se deve esquecer a existência de tais exceções, pois o maior desenvolvimento e o maior progresso da ciência dependem da sua determinação e do seu cálculo, tão logo exista possibilidade de fazê-lo (FECHNER, 1860/1971: 83).

Weber, fisiologista, postulava uma relação específica entre corpo e mente que, no entanto, não se resumia a uma equivalência pura e simples. Entre uma grandeza e a habilidade para percebê-la caberia estabelecer a razão que as ligaria. Fechner em seu livro *Elementos de Psicofísica* irá generalizar o enunciado de Weber a ponto de erigi-lo em lei, segundo a qual a magnitude da sensação é proporcional ao logaritmo de seu estímulo (HERRNSTEIN; BORING, 1971).

Contudo, a querela entre físico e psíquico, ou corpo e mente, teve sua perfeita expressão no que se chamou querela dos métodos [*Methodenstreit*]. A distinção que se anuncia sob esse termo funda-se numa separação entre natureza – cujos métodos corresponderiam àqueles existentes na ciência clássica – e a história ou esfera do homem – que precisaria recorrer a uma metodologia própria. De um lado o explicar [*Erklären*] e do outro o compreender [*Verstehen*] (ASSOUN, 1983).

Foi Droysen, um dos renovadores da historiografia alemã do século XIX, quem formulou essa distinção que encontra plena continuação com Dilthey e sua “Introdução às Ciências do Espírito” (HEIDBREder, 1969). Alguns anos depois, quando Freud escrevia ‘o Projeto’, Dilthey publicava o ensaio ‘Psicologia Comparada’. Nesse trabalho, além de diferenciar de maneira categórica os campos concernentes à história e à natureza, situava, contrariamente à maioria dos autores citados até aqui, a psicologia como uma ciência do espírito, sendo mesmo o seu fundamento (HEIDBREder, 1969). Teríamos por um lado conexões causais e por outro conexões de sentido, aquelas trabalhando com categorias como substância e causalidade e estas com categorias de significação e força. Essas seriam em linhas gerais as diferenças entre a *Naturwissenschaft* [ciência da natureza] e a *Geisteswissenschaft* [ciência do espírito] (GARCIA-ROZA, 1991).

Merleau-Ponty: comportamento e linguagem

De certo modo, Merleau-Ponty busca escapar das ressonâncias dessa querela, ao pautar-se na noção de comportamento. Para o autor, essa noção permitiria certa neutralidade frente às distinções clínicas de ‘psíquico’ e ‘fisiológico’, por exemplo (MERLEAU-PONTY, 2006). Essa alternativa é importante, já que para Merleau-Ponty “entre o organismo e seu meio as relações não são de causalidade linear, mas de causalidade circular” (MERLEAU-PONTY, 2006: 17). Ao colocar em xeque a causalidade linear, Merleau-Ponty reitera seu reparo à impossibilidade de assumir seu objeto como científico e sugere a importância que a noção de alteridade terá em seu projeto (MERLEAU-PONTY, 2006).

A causalidade circular presente entre o organismo e seu meio invoca não apenas a atividade do primeiro, mas também as formas simbólicas que estabelecem relações e estruturam comportamento. É essa dimensão simbólica que indica o lugar do Outro, da alteridade em Merleau-Ponty, haja visto o símbolo não se constituir pela iniciativa pura e simples de um indivíduo. Etimologicamente, símbolo invoca um sinal de reconhecimento e “representa outra coisa em virtude de uma correspondência” estabelecida (LALANDE, 1993: 1015-1016).

Esse movimento de primazia da alteridade assinala também as razões pelas quais, ainda que tendo utilizado a *Gestalttheorie*, sobretudo no que tange à noção de forma, o autor venha criticá-la ao longo de seu trabalho. Merleau-Ponty colocar-se-á frontalmente contrário à antropomorfização que entende subsistir no uso da noção de

forma pela teoria da *Gestalt*.

Em Merleau-Ponty, nota-se que o primado da forma sugere, de fato, o primado da linguagem, tal como se nota nesta citação: “[...] a idéia de significado permite conservar, sem a hipótese de uma força vital, a categoria de vida” (MERLEAU-PONTY, 2006: 242) e também: “A unidade de sistemas físicos é uma unidade de correlação, a dos organismos, uma unidade de significado” (MERLEAU-PONTY, 2006: 243).

A clínica em Freud: causa e significado

Se até aqui delimitamos os primórdios dos estudos científicos sobre a memória e da psicologia dita científica, estabelecendo relações com a chamada querela dos métodos, cabe apontar que Freud não cinde explicação e interpretação.

Do mesmo modo, se com a querela dos métodos sugerir-se-iam dois campos distintos, próprios às ciências da natureza e às do espírito, os quais se diferenciariam por conexões causais e de sentido, em Freud causa e sentido recobrem-se e encontram-se no termo alemão *Deutung* [interpretação] “que explica de modo interpretativo ou interpreta fornecendo a causa” (ASSOUN, 1983: 49).

A interpretação em Freud está indissociavelmente marcada por esse conteúdo objetivo, como em “O Homem dos Lobos” ou no “Sonho da Injeção de Irma”, por exemplo, que se traduz na explicitação do nexos causal, explicação que vale por elucidar

[...] o vínculo objetivo entre o conteúdo manifesto e o conteúdo latente do sonho. É por esta razão que o conteúdo manifesto sempre introduz, em sua função de significante, um aspecto ‘objetivo’ que o torna semelhante a um efeito, assim como o conteúdo latente introduz, no indizível do significado, a eficiência material da causa. Por conseguinte, o ato interpretativo nunca se liberta totalmente do ato explicativo pelo qual se remonta do efeito à causa (ASSOUN, 1983: 50).

É importante lembrar que a presença de Freud no livro de Merleau-Ponty não é casual: “[...] é com base no exemplo do freudismo que gostaríamos de precisar as relações da dialética propriamente humana com a dialética vital” (MERLEAU-PONTY, 2006: 275). Ao longo do livro notamos que Merleau-Ponty vislumbra a possibilidade de redizer os conceitos freudianos, despindo-os de qualquer ‘vestígio’ causal. De fato, ele desdobra suas afirmações com o objetivo de apresentar esses conceitos com base em outra linguagem que permitisse a assunção da noção de significado (MERLEAU-PONTY, 2006: 276-278).

Esse campo no qual significado e causalidade são colocados frente a frente far-se-ia presente nas experiências clínicas que tinham na memória um objeto de investigação?

A clínica e os fenômenos da memória I

É no campo da clínica que se constata o alcance da querela localizacionista, em particular no que tange à memória e nos estudos sobre as afasias. Nesse sentido, cabe registrar que o termo amnésia surge na França em 1803 (CARROY, 1994: 752), e em 1825 o médico francês Bouillaud propõe que a perda da memória dever-se-ia a uma lesão cerebral precisa. Do mesmo modo, o médico alemão Franz Josef Gall, criador da frenologia, esforça-se por localizar faculdades psicológicas complexas (amor, ambição, por exemplo) numa região cerebral específica. Em contraposição, os fisiologistas Flourens e Gratiolet defendiam hipóteses relativas ao funcionamento cerebral como totalidade (CARROY, 1994).

Em 1861, Broca, ao apresentar ‘o caso Tan’, parecia desfechar o golpe definitivo a favor da problemática localizacionista. Ele teria descoberto num paciente que havia perdido a faculdade da fala e falecido recentemente, um tumor localizado no lobo frontal do hemisfério esquerdo. Esse paciente sempre que indagado não conseguia responder, apesar de aparentemente entender as questões que a ele eram dirigidas, de outro modo que não através do monossilábico “tan, tan, tan” (ROSENFELD, 1994: 18). Para esse tipo de patologia, Broca cunhou o termo afemia: perda do poder de expressão pela fala, devido à lesão cerebral.

Em 1874, Wernicke, neurologista alemão, identifica e localiza a lesão correspondente a um outro tipo de distúrbio da memória que não deixa de guardar uma equivalência com o distúrbio descoberto por Broca.

Enquanto a afasia descrita por Broca dizia respeito à incapacidade de produção dos movimentos da fala, a de Wernicke implicava a incapacidade de compreensão dos sons. Nas afasias motoras (Broca), perde-se a faculdade da fala; nas afasias sensoriais (Wernicke), “as funções expressivas mantêm-se perfeitas e o paciente é capaz de falar e escrever, mas não consegue ler nem compreender a fala” (ROSENFELD, 1994: 27).

A tônica dos estudos das patologias da memória era a da amplificação da importância do paralelismo psicofisiológico, ou seja, a do estabelecimento de uma relação entre uma lesão física e o seu correlato sintomático. Nessa perspectiva é interessante notar a voz discordante que foi a de Hughlings Jackson, neurologista inglês,

autor importante nas elaborações de Freud sobre as afasias, opondo-se de maneira contundente ao tema das localizações cerebrais (FREUD, 1891/1987; KHUN, 1987). Nos artigos que publicou na revista *Brain*, no final do século XIX, afirmava que era preciso privilegiar a clínica em detrimento da neurologia no que dizia respeito aos distúrbios da memória (CARROY, 1994: 754). Todavia, o que o coloca numa posição distinta dos de sua época é a ênfase que concederá a uma teoria da memória que se pauta principalmente em uma problemática do sentido.

Jackson acentua a importância do contexto no funcionamento da memória. “É a capacidade de criar sentidos inéditos ou novos – rearranjando os estímulos em novos contextos – que é tão característica da linguagem, em particular, e da função cerebral em geral” (JACKSON *apud* ROSENFELD, 1994: 71). Desse modo, a memória estaria associada à capacidade de criar ou reconhecer contextos a partir dos quais determinadas respostas tornam-se possíveis, ou não.

Jackson fez uso em seus estudos da memória da teoria evolucionista de Spencer. Essa teoria afirmava ser a evolução dos seres vivos um percurso que vai do homogêneo ao heterogêneo, ou seja, um processo de diferenciação crescente que possui outras bases que não aquelas da teoria darwinista, que coloca o acento sobre o processo de seleção natural. Por conseguinte, poder-se-ia dizer que os fenômenos do esquecimento segundo a perspectiva da teoria evolucionista de Spencer seguiam uma ordem inversa àquela da linha evolutiva.

Dessa forma, o déficit atingiria primeiro as lembranças de ordem intelectual, depois as lembranças afetivas e finalmente os automatismos e os hábitos. Todavia essa ordem rígida explicar-se-ia não pelo valor intrínseco de cada termo envolvido, mas pelo fato de que de uma extremidade a outra dessa linha encontrar-se-ia uma especificidade cada vez maior de aplicação.

Assim, os contextos em que as lembranças intelectuais poderiam ser atualizadas estariam cada vez mais limitados em razão de sua própria especificidade, opondo-se aos hábitos e automatismos que, de certa forma, encontrariam um maior campo de atuação, atualizando-se numa gama de contextos mais diversos.

A clínica e os fenômenos da memória II

Encontramos na França um outro pesquisador que também se utiliza das teorias evolucionistas da memória, tal como Jackson as elaborou. Ribot publica em 1881 um de

seus principais livros, a monografia chamada “Psychologie des Maladies de la Mémoire”, que é dividida em quatro capítulos: a memória como fato biológico; as amnésias gerais; as amnésias parciais; e as exaltações da memória (MERVANT, 1989).

Ribot procurou otimizar as propostas de Jackson a respeito da ordem seguida pelos déficits da memória, erigindo-as em lei. Essa otimização encontra também outras formas de enunciado, como aquele que diz serem esquecidos primeiro os substantivos próprios, depois os comuns, em seguida os adjetivos e finalmente os verbos. Contudo, nem por isso deixa de haver diferenças entre ambos.

Carroy (1994, p. 754), escreve que a principal diferença entre eles dar-se-ia na medida em que Ribot insiste em derivar a psicologia a partir da biologia, ao passo que para Jackson, se houvesse uma relação entre o biológico e o psíquico, este não se daria senão em termos de concomitância. Ribot afirmou que a memória é “por essência, uma fato biológico; por acidente, uma fato psicológico” (RIBOT *apud* MERVANT, 1989: 260).

Seriam três as características da memória para Ribot: conservação, reprodução e localização no passado, sendo este último item accidental, ligado à consciência, e responsável por uma memória mais elaborada, psicológica (MERVANT, 1989). Porém, a respeito dessa caracterização da memória, Mervant detecta uma preocupação em Ribot: o aspecto biológico comparece em sua teoria a fim de cobrir uma dimensão da memória que não seria alcançada propriamente pelos aspectos conscientes envolvidos (localização no passado, por exemplo).

É justamente no cruzamento de duas propostas de Ribot que a hipótese de Mervant se pauta. Primeiro, ele espera buscar na patologia das funções psíquicas o segredo de sua atividade normal. Segundo, como citamos acima, ele credita à capacidade de localização no passado o ponto de distinção entre uma memória orgânica e uma psíquica.

Daí Mervant sustentar que Ribot apresenta em seu livro um modelo manifesto (fisiológico) e um latente (psicológico), onde o segundo se constituirá como verdadeiro pivô de sua teoria sobre a memória (MERVANT, 1989). Isso porque ganharão destaque no livro de Ribot as amnésias periódicas e a cisão histérica, justamente patologias que não facilmente se adequariam a um modelo de amnésia que se resumisse às amnésias de fixação.

As amnésias de fixação seriam, de modo geral, aquelas que responderiam pelas desordens de origem orgânica, dizendo respeito aos problemas de memorização

(MERVANT, 1989). Elas estariam muito mais próximas dos problemas de rememoração, assim como as amnésias de evocação e as amnésias temporárias (MERVANT, 1989).

Essa distinção entre memorização e rememoração nos lança no terreno propriamente psicológico, na medida em que para Ribot é a localização no passado que seria da ordem psíquica. E é esse acesso que se faria segundo “pontos de orientação” (MERVANT, 1989, p. 261), que significam, na prática, um “encurtamento” da distância entre a lembrança e o evento que ela representa, de modo que o tempo de acesso à lembrança não seria o mesmo que se passou entre o evento e o momento de sua recapitulação. Nem o passado apresentar-se-ia tal como ele teria sido, mas segundo pontos privilegiados a partir dos quais ele é recapturado. Logo, “o quadro que a memória nos dá do passado é (...) por sua vez enganador e exato – ele ‘tira sua exatidão da ilusão mesma’” (MERVANT, 1989: 263).

A clínica e os fenômenos da memória: significado e comportamento

Notamos que a afasia constituía-se como tema pelo qual questões relativas ao funcionamento da memória encontravam expressão. É nessa perspectiva que podemos ler em um comentário de Merleau-Ponty sobre as afasias o mesmo princípio explicativo da teoria de Spencer: “A transformação patológica acontece no sentido de um comportamento menos diferenciado, menos organizado, mais global, mais amorfo” (MERLEAU-PONTY, 2006: 98).

É exatamente quando Merleau-Ponty aborda as afasias que ele afirma a possibilidade de entendimento da doença como um novo significado do comportamento e não como “uma coisa ou uma potência que provocaria certos efeitos” (MERLEAU-PONTY, 2006: 99). Para citar de modo completo: “[O funcionamento patológico] É um novo significado do comportamento, comum à multiplicidade dos sintomas, e a relação do distúrbio essencial com os sintomas não é mais causa-efeito, mas a relação lógica de princípio-consequência ou de significado-signo” (MERLEAU-PONTY, 2006: 99).

Vale indicar que Freud também se interroga sobre as afasias, sobretudo a partir do que denominou resto de linguagem encontrado em algumas afasias (CANEPELLE, 2008). Tratava-se de fragmento que resistiria à destruição progressiva indicada acima. Além disso, esse ‘resto’ interroga a teoria localizacionista por indicar a sobrevivência de uma representação à destruição de um centro cerebral (CANEPELLE, 2008).

Dito de outro modo: por que esses pedaços de linguagem, que variam quanto a sua complexidade, sobreviveriam à destruição em detrimento de outros, e o que isso significaria para o sintoma daquele sujeito particular? Daí Freud não adotar integralmente as hipóteses vigentes nos estudos da época, mesmo as de Jackson.

Não por outro motivo Freud, em seu trabalho sobre as afasias, distingue dois tipos de restos de linguagem, os quais teriam suas características definidas em função do valor prévio que possuiria para o sujeito afásico. Para o primeiro caso, poderia haver claramente a identificação dos motivos da sobrevivência do resto de linguagem em função do significado dele na vida do sujeito. No segundo caso, essa ligação não seria explícita e demandaria, por tanto, o trabalho de interpretação [*Deutung*] (CANEPELLE, 2008).

Tempo, memória e causalidade em Freud

Essas questões, que apontam para um embarelhamento de temas como tempo, memória e causalidade, estão presentes em Freud desde o início de suas elaborações sobre as neuroses. No âmbito deste trabalho, cabe registrar a importância do estudo dos textos freudianos ditos neurológicos, como forma de elucidação da constituição do saber psicanalítico (BIRMAN, 1993). Cabe recordar que é em 1891, com as ‘Afasias’, que Freud indica mais explicitamente o distanciamento que viria a assumir de suas preocupações anatômicas anteriores. A temporada com Charcot, em 1885, certamente teve influência nesse movimento.

Da mesma forma, não deve passar despercebido que desde pelo menos 1932 avalia-se a ligação entre esses dois períodos da obra freudiana (KHUN, 1987). Naquilo que se refere aos temas mais diretamente tratados aqui, cabe mencionar que: “[...] a oposição entre os pontos de vista dinâmico e estático esteve sempre presente nas elaborações freudianas” (KHUN, 1987: 18, tradução nossa). Todavia, a adesão de Freud (1891/1987) ao paralelismo psicofisiológico ocorre em função da substituição de uma perspectiva estática por uma dinâmica acerca do modo de funcionamento do aparelho de linguagem, recusando, assim, a ideia de uma causalidade linear na base desse funcionamento (KHUN, 1987). Preocupação que, a seu modo, é recapitulada por Merleau-Ponty, como vimos.

O aparelho de linguagem é postulado por Freud em as ‘Afasias’ e ali já se apresentava o interesse pelo que viria a ser retomado em seus trabalhos em termos de ato falho, chiste e lapso. Todos esses elementos apontariam, posteriormente, para a

constituição do Inconsciente e do aparelho psíquico. De modo simplificado, podemos entender o aparelho de linguagem como um conjunto de processos associativos. Todavia, mais importante é destacar, como Garcia-Roza (1991) o faz, que o aparelho de linguagem não está pronto desde sempre. Ele se forma paulatinamente, em relação com um outro aparelho de linguagem e só assim encontra sua via de funcionamento. Nesse quadro, vislumbra-se a importância do Outro na teoria psicanalítica e sua relação com a linguagem.

Um exemplo do posicionamento freudiano sobre esse tema nesse período pode ser visto em ‘Histeria’. Nesse trabalho, em sintonia com as proposições de Charcot, Freud recusa a definição da histeria como doença orgânica, afirmando ser sua manifestação desencadeada pela presença de *agents provocateurs*. Em particular, Freud sublinhará a distância que caracteriza a experiência e o efeito traumático ao dizer que: “El desarrollo de perturbaciones histéricas a menudo requiere, sin embargo, una especie de período de incubación o, mejor, de latencia, durante el cual la ocasión sigue produciendo efectos en lo inconciente” (FREUD, 1888/1996: 58).

Do mesmo modo, em ‘Hipnose’ ele afirma que: “La observación clínica muestra que unas impresiones psíquicas por lo común necesitan de cierto tiempo, un período de incubación, para producir una alteración corporal” (FREUD, 1891/1996, p. 144).

Esse recurso a um período de incubação, ou um período de latência, ou ainda período de elaboração, reporta-se ao uso que Charcot fazia desses termos ao postular a histeria traumática. Nela haveria um hiato entre a experiência traumática e seu efeito, sendo a causa reconhecida, contudo, principalmente na violência do primeiro termo e não no intervalo temporal propriamente dito (GONDAR, 1995). De todo modo, reconhece-se nessas passagens a presença das bases do que se definirá como o *a posteriori* na teoria psicanalítica.

Nessa fase do pensamento freudiano, a histeria estaria próxima de dois fatores que se interligam e que poderíamos enumerar: primeiro, uma lembrança entendida como revivescência alucinatória de uma cena traumática; segundo, a idéia de um trauma psíquico como uma intensidade com a qual o sujeito seria incapaz de lidar, intensidade que seria o próprio conteúdo da lembrança (FREUD, 1892/1996). No entanto, na mesma passagem na qual Freud comenta esses fatores, ele nos diz também que a irrupção da histeria no sujeito poderia ser devida não só à intensidade do evento em si, mas a sua “ocurrencia en un momento determinado” (FREUD, 1892/1996).

Poderíamos notar aqui uma inclinação para as postulações de Breuer sobre os estados hipnoides e sua correlação com o estabelecimento de um efeito patogênico, mas, por outro lado, já é o anúncio da busca de uma especificidade para o fator etiológico da histeria.

Especificidade que será circunscrita posteriormente como pertencente ao campo sexual, marcando desse modo um afastamento tanto de Breuer, como de Charcot. Vale notar que até 1897 a questão do trauma será uma constante em Freud, sofrendo a partir daí alterações em função do abandono da teoria da sedução. Pode-se dizer que o abandono da teoria da sedução significou uma guinada na teoria freudiana então nascente, na medida em que a noção de fantasia passa a ter nela destaque em detrimento de um suposto fato objetivo na raiz do trauma.

O Outro e a linguagem em Merleau-Ponty e Freud

Merleau-Ponty, por seu turno, como assinalamos, busca elaborar uma teoria do comportamento que não se paute pelos princípios da causalidade, ultrapassando, a seu modo, a dicotomia entre físico e mental. Esse movimento torna a noção de significado capital em suas elaborações no contexto que estamos analisando neste trabalho (MERLEAU-PONTY, 2006).

De certo modo, quando afirma que “tanto para vida quanto para o espírito não há passado absolutamente passado” (MERLEAU-PONTY, 2006: 321), encontramos o eco de outra passagem na qual foi afirmado que “[...] cada progresso da egiptologia modifica a história do Egito” (MERLEAU-PONTY, 2006: 232). Encontra-se, nessas asserções, a reafirmação de Merleau-Ponty de assegurar à linguagem lugar privilegiado na estruturação do mundo.

Assim, a forma nada mais seria do que uma matriz de significado, com relação a qual a memória encontra o seu lugar. Se “[...] cada progresso da egiptologia modifica a história do Egito”, é porque a história – e, aqui, a memória também – não está no passado, mas, pelo contrário, existe apenas na presença do Outro. É esse Outro que não teria sido pensado pela psicologia, que definiu a consciência pelo conhecimento de si. (FURLAN, 2000; MERLEAU-PONTY, 2006).

Ao tornar central em suas elaborações o conceito de aparelho de linguagem, Freud (1891/1987) assinala também a possibilidade de superação do dualismo psicofísico ao não cindir o somático e o psíquico (BIRMAN, 1993). Isso será particularmente evidente com as formulações posteriores sobre a pulsão, a qual se

caracteriza exatamente por ser um limite entre o somático e o psíquico. Essa possibilidade reitera a crítica à teoria localizacionista em prol de uma concepção funcional da linguagem, na qual uma autonomia relativa frente aos centros cerebrais é destacada (BIRMAN, 1993). Nessa perspectiva, é também no Outro e, por conseguinte, na linguagem, que a psicanálise igualmente encontrará os seus fundamentos e a matéria da memória.

Conclusão

Neste trabalho analisamos as primeiras referências sobre os estudos psicológicos da memória e destacamos de que maneira os ideais cientificistas fizeram-se presentes ali. Verificamos que os experimentos e autores mencionados permitem traçar o que foi certa história da constituição do campo psi. Foi possível notar que tanto no laboratório como na clínica questões relativas à memória tiveram destaque no período analisado.

Em ambas as perspectivas houve embates acerca do modelo explicativo a ser adotado, o qual, grosso modo, girava em torno de postulações mecanicistas/fisicalistas ou simbólicas e traduziram-se, por exemplo, no tema das localizações cerebrais. Nesse contexto, a psicanálise, que emerge efetivamente de questões apresentadas pela clínica, de fato não despreza a noção de causa, ainda que, como o termo alemão *Deutung* nos sugeriu, o valor de interpretação esteja nela presente. Trata-se, antes de tudo, de deslocar essa discussão do que se poderia entender como causalidade linear, ponto de alinhamento entre os postulados de Merleau-Ponty e a teoria psicanalítica.

O fio condutor deste artigo foi o livro de Merleau-Ponty, 'A Estrutura do Comportamento'. Dele nos interessou particularmente seu posicionamento contra o mecanicismo. Ainda de Merleau-Ponty nos servimos das considerações relativas à constituição de um lugar para o significado que servisse de modelo de análise para o comportamento. Desse modo, ao falar das formas simbólicas o autor nos permitiu notar a importância concedida ao tempo no que toca ao humano, como forma de expressão de um princípio de indeterminação que permitiria uma desvinculação do determinismo. Se deduzirmos das considerações de Merleau-Ponty que a psicologia não pensaria a alteridade, poderemos ler neste trabalho que as discussões sobre os estudos relativos à memória põem em relevo essa mesma questão. Entendemos que entre o laboratório e a clínica é essa pergunta que ressoa: qual o lugar do Outro na constituição da memória? Em Freud, estritamente no período analisado, encontram-se já referências ao Outro, ao trauma e ao tempo na constituição psíquica.

Trauma e tempo seriam, de certo modo, representações do Outro: seja como ‘intensidade’ com a qual o eu não pode lidar, seja como ‘lembrança’, marca de distintas temporalidades. Desde aquele momento pode-se ler que a noção de causalidade passará por modulações que se atualizarão nas formulações acerca de *agents provocateurs*, de *a posteriori* e de trauma, as quais, em conjunto, distanciam-se de uma estrita causalidade linear e espelham-se nas formulações psicanalíticas sobre a memória.

Não por acaso em seu trabalho sobre as afasias Freud concede amplo destaque ao conceito de aparelho de linguagem. Em sua letra esse conceito não se forja independentemente de um posicionamento frente às questões da causalidade psíquica e do paralelismo psicofísico. Esse quadro permite ver sua oposição ao mecanicismo, bem como seu distanciamento de modelos explicativos calcados em um determinismo estrito.

Neste artigo, o apelo à forma, ao significado e à linguagem constituiu o conjunto de alternativas que nos permitiu notar desde os marcos iniciais dos estudos sobre a memória as linhas divergentes que marcaram esse campo. Ali também, nos textos de Freud, percebeu-se o esboço do movimento que o levaria à psicanálise.

Referências

- ASSOUN, Paul Laurent. *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- BIRMAN, Joel. *Ensaio de teoria psicanalítica, I*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- HERRNSTEIN, Richard J.; BORING, Edwin G. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Herder/USP, 1971.
- CANEPPELE, Alessandra. Reaproximando afasia e psicanálise: pressupostos e estudo de um relato autobiográfico. *Psychê*, São Paulo, v. 12, n. 22, p.79-96, jun. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/L4AYWP>>. Acesso em: 2 maio 2012.
- CARROY, Jacqueline. Histoires de l’amnésie: pressupostos e estudo de um relato autobiográfico. *La Recherche*, Paris, v. 25, n. 267, p.740-769, ago. 1994.
- EBBINGHAUS, Hermann. A aprendizagem de sílabas sem sentido. In: HERRNSTEIN, Richard; BORING, Edwin. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Herder/USP, 1971/1885. p. 639-653.
- FECHNER, Gustav. A lei de Fechner. In: HERRNSTEIN, Richard; BORING, Edwin. *Textos básicos de história da psicologia*. São Paulo: Herder/USP, 1971/1860. p. 81-90.
- FERREIRA, Arthur. O múltiplo surgimento da psicologia. In: A. JACÓ-VILELA; A. FERREIRA; F. PORTUGAL (Org.). *História da psicologia: rumos e percursos*. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006. p. 13-46.

- FREUD, Sigmund. *Contribution à la conception des aphasies: une étude critique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987/1891.
- FREUD, Sigmund. Histeria. In: STRACHEY, J. *Sigmund Freud: Obras Completas I*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996/1888. p. 41-46.
- FREUD, Sigmund. Hipnosis. In: STRACHEY, J. *Sigmund Freud: Obras Completas I*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996/1891. p. 133-162.
- FREUD, Sigmund. Prólogo y notas de la traducción de J.-M. Charcot, Leçons du Mardi de la Salpêtrière. In: STRACHEY, J. *Sigmund Freud: Obras Completas I*. Buenos Aires: Amorrortu, 1996/1892. p. 163-178.
- CANEPPELE, Alessandra. Reaproximando afasia e psicanálise: pressupostos e estudo de um relato autobiográfico. *Psychê*, São Paulo, v. 12, n. 22, p.79-96, jun. 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/L4AYWP>>. Acesso em: 2 maio 2012.
- FURLAN, Reinaldo. A noção de ‘comportamento’ na filosofia de Merleau-Ponty. *Estudos de Psicologia*, v. 2, n. 5, p. 383-400. Acesso em 20 de abril, 2012, de <http://bit.ly/MaRqXj>
- GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. *Introdução à metapsicologia freudiana, 1*. Rio de Janeiro: JZE, 1991.
- GONDAR, Jô. *Os tempos de Freud*. Rio de Janeiro: Revinter Ed., 1995.
- HEIDBREder, Edna. *Psicologias do século XX*. São Paulo: Mestre Jou, 1969.
- KUHN, Roland. (1987). Préface. In: FREUD, S. *Contribution à la conception des aphasies – une étude critique*. Paris: Presses Universitaires de France, 1987, p. 5-38.
- LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MERVANT, Jacques. Clinique de la mémoire et du souvenir de Ribot à Freud. *Bulletin de Psychologie*, Paris, n. 389, p.258-271, 1989.
- ROSENFELD, Israel. *A invenção da memória*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- SANT’ANA, Silvia. *Os primórdios da percepção na filosofia de Maurice Merleau-Ponty*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2010. Disponível em: <http://bit.ly/MaSdHE>. Acesso em: 2 maio 2012.

José César Coimbra
Psicólogo no Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro – TJRJ
Doutorando no Programa de Memória Social – PPGMS – UniRio
E-mail: arcoim@yahoo.com.br